

A passeio com o Aleijadinho

Richard Katz

[...]

Muitas e muitas vezes o Aleijadinho deve ter feito o trajeto que nós, mais acabrunhados do que na ida, fazemos agora na volta, da igreja para a cidade. E fazendo-o, o artista deve ter visto as mesmas casas caiadas de azul ou de amarelo e o mesmo velho poço de pedra com sua grande concha. Desde o tempo em que o ouro se exauriu, Ouro Preto pouco mudou. Tal como uma cidadezinha francesa que possui uma catedral famosa, a antiga capital vive do passado.

Sim. Muitas vezes passou ele por essa viela que vai da igreja dos franciscanos ao palácio do Governador, construído por seu pai; contemplou esses jardins através das mesmas grades de ferro batido, com a diferença que no seu tempo as grades eram douradas, eram provavelmente de ouro de lei, mas isso lhe interessa menos que as árvores e flores que ficam do outro lado. Aquele homem bronco amava ternamente as flores. Elas trepam pelos seus ornamentos, engrinaldam seus arabescos, enfeitam seus anjos e santos. Sua Madona na fachada dos franciscanos está cercada de ramos de margaridas e roseiras, e seu São Francisco se ajoelha diante de um craveiro, cujas três flores abertas representam, com um jogo de palavras (“cravo”, flor e “cravo”, prego), os três pregos que cravaram na cruz o Salvador. Ai! Também a ele o transpassaram três pregos: o sangue de escravo, a arte e a lepra.

Não era só de dia que ele fazia o trajeto de S. Francisco e Nossa Senhora do Carmo ao Palácio do Governador, cumprimentando ruidosamente os conhecidos ou parando silencioso diante de um portão de jardim para contemplar uma bela flor, uma graciosa trepadeira; e não era só de noite que ele o percorria a furto no encaço de raparigas morenas (porquanto na escolha de seus amores ele não era tão exigente como na de seus modelos); fê-lo também mais tarde, mas nas costas de seu escravo, enquanto com angústia espiava para os lados, a ver se o observava algum de seus amigos de outrora, com quem havia bebido e cavaqueado, ou uma amiga que um dia apagara o odor de seu sangue.

É que a enfermidade lhe aleijara as pernas, e o artista, que tinha sido o arquiteto de tanta beleza, se envergonhava de sua própria irremediável fealdade. Já antes da data que o seu biógrafo Bretas assinala como sendo a da manifestação da sua moléstia, encontra-se num registro paroquial assentamento de certa pequena quantia destinada ao “transporte de Mestre Antônio ao trabalho”.

Como de costume, a lepra atacara primeiro as pernas do artista. Foi também nesse ponto do corpo que o Padre Damian¹ notou a sua doença: ao fazer a barba, derramou água quente no pé e não sentiu dor nenhuma. Essa insensibilidade impede por vezes aos leprosos o caminhar, porque já não percebem o contacto com o solo; só muito mais tarde se manifesta a supuração nos dedos dos pés e eles caem. Quando o P. Damião administrou pela primeira vez o sacramento da extrema-unção a um morfético, ficou emocionado ao perceber que os devastados pés que ele ungiu, se agitavam entre seus dedos – já apodrecidos, eram um ferredouro de vermes.

O Aleijadinho se envergonhava da sua mazela e fugia de seus semelhantes. Não era possível ocultar que estava doente, masurgia esconder a todo o custo a natureza de sua doença, pois daí dependia o último consolo da sua vida amargurada: o seu trabalho. E a verdade é que conseguiu tão bem ocultar sua enfermidade que só depois de sua morte houve conjecturas a respeito dela e só há pouco foi que leprólogos modernos e comprovaram.

Seu biógrafo Bretas supôs que o Aleijadinho havia contraído a “zamparina”, espécie de paralisia infantil, de caráter epidêmico na época. Outros acreditavam que “seu temperamento

¹ Damian de Veuster (Pater Damião), conhecido pelo seu heroísmo em tratar dos leprosos da Ilha de Molokai, onde contraiu a terrível enfermidade. (1840-1889) (*N. do T.*)

bilioso se tivesse complicado com escorbuto”. “O certo é”, resume Bretas, “que Antônio Francisco perdeu todos os dedos dos pés ... os das mãos chegaram a cair ... restando-lhe, e ainda assim quase sem movimento, os polegares e os índices ... O escravo Maurício adaptava os ferros e o macete às mãos imperfeitas do grande escultor. Antônio Francisco tinha um certo aparelho de couro ou de madeira continuamente aplicado aos joelhos ... As fortíssimas dores que de continuo sofria nos dedos, e a acrimônia do seu humor colérico o levaram por vezes ao excesso de cortá-los ele próprio, servindo-se de formão, com que trabalhava”.

Quem pode ler sem emoção estas palavras? Quem não se comoverá com a grandeza e a força de caráter do irascível artista que se enfurecia com seus dedos exatamente quando estava a trabalhar?

Freqüentemente as dores agudas nas mãos são um sintoma de lepra nervosa já muito adiantada; elas precedem a deformação dos dedos (“garra de lepra”) e chegam às vezes a tornar-se insuportáveis. O médico de um leprosário me contou que ouviu um menino, vítima dessas dores, gritar dia e noite durante uma semana, apesar da morfina que lhe administrava.

A circunstância de haver apenas conjeturas acerca da moléstia do Aleijadinho pode ser atribuída não só ao próprio empenho do doente e de seus amigos em conservarem oculta a palavra proscrita, mas também à impossibilidade de confronto com caso anteriores. A lepra foi introduzida na América por europeus (que devem, em troca, ter apanhado com os indígenas a sífilis). Quando o Aleijadinho a contraiu, ela era muito mais rara no Brasil do que atualmente.

Houve quem suspeitasse tratar-se de sífilis, o que não deixa de ser procedente, porque, como a sífilis está muito espalhada aqui, há muitos leprosos sífilíticos.

Outros afirmaram que ele, para aumentar sua perícia, tomou em casa de uma tal Dona Helena (chegam a dar o endereço desta) uma dose fortíssima de “cardina”, podendo-se entender por essa designação um desses amavios que ainda hoje têm grande procura.

O Dr. Floriano de Lemos tem para si que o mal de Aleijadinho foi a framboésia, moléstia que converte suas vítimas em ruínas vivas, e quer-lhe parecer “que no sofrimento e na morte de Antônio Lisboa houve vários réus de delito, uns preparando ou auxiliando a sua execução, enquanto o último veio dar o golpe derradeiro.”

Como o Aleijadinho, apesar do seu matúrio, chegou aos 84 anos de idade, não seria fora de propósito dar também a debilidade senil como uma das causas da sua morte.

O Dr. Laclette já chama a moléstia pelo seu verdadeiro nome, embora o faça com cerimoniosa hesitação: “O quadro clínico da lepra é o que mais se parece com o apresentado pelo Aleijadinho ... Vemos, pois, que, passados tantos anos, o diagnóstico menos improvável é da lepra nervosa.”

O Dr. Henrique Roxo é de opinião que se trata de um caso de lepra mutilante.

Para o Dr. José Mariano Filho a natureza da doença de Antônio Lisboa parece a da lepra mista ou taberosa de Hansen e Zoöft. É esta de resto a opinião de leprólogos modernos.

Mesmo as pessoas sadias raramente conseguem, quando os anos vão pesando, conservar-se agradáveis. Desilusões com as criaturas que elas amaram e que lhes pesa ter de desacostumar-se de amar, dissabores na profissão, achaques corporais que se acumulam e que obstinadamente

atormentam, o minguar das forças e o crescer da angústia diante do fim que se avizinha implacável – tudo isto forma um conjunto que nada tem de agradável. Os homens novos e em plena alegria do viver afastam-se dos velhos rabugentos, e como estes são propensos a criticar uns aos outros, pouco a pouco se vêem sós.

Depois de 50 anos certos homens se arruinam com a sede do ouro ou a ambição do poder, com o jogo, a bebida ou com manias absurdas, e muita boa mãe de família faz-se

mexeriqueira e rixosa, e tanto homens como mulheres às vezes se deixam arrastar tardiamente a insensatas aventuras galantes.

As mulheres conseguem, mais que os homens, envelhecer de uma maneira plácida e sem grandes atritos. Para a maior parte dos homens a velhice é um tempo perigoso, ainda quando se tenham conservado sadios. Mas quão mais difícil não será para um doente vencer o derradeiro quartel da existência e quanto mais árduo ainda se o doente é um artista, porque neste a sensibilidade moral aumenta a sensibilidade física, e a fantasia, que era uma bênção e passou a ser uma maldição, pinta o fim da vida com cores mais negras do que ele na realidade tem.

É comovente o espetáculo que oferecem os artistas velhos e enfermos. Heine no fundo de uma cama; Maupassant que, acochado pelo pavor da loucura [loucura], abre as artérias; Leonardo da Vinci coxo e no desterro; Benvenuto Cellini prisioneiro, desavindo consigo e com o mundo; Veit Stoss marcado com o labéu da ignomínia e roído de ódios; Van Gogh que corta uma orelha – são ruínas trágicas no Panteão de Humanidade.

Contudo, mesmo no meio dessa galeria de sofredores se destaca de um modo pungente a figura do Aleijadinho. Se Heine diz a gemer: “Há já 7 anos que rolo no chão, vítima de inenarráveis padecimentos, e a morte não vem!” – O Aleijadinho tem de debater-se *37 anos* entre as garras da dor até que a morte o liberte. Ei-lo sobre tábuas amarradas aos seus joelhos, gemendo de dor e possuído da ânsia criadora, a arrastar-se pela igreja para, com dedos purulentos, entalhar para ela cabecinhas de anjos. Um escravo manobra com a escada e segura o inditoso artista com as mãos ambas para que ele, com o cinzel atado ao coto – pois seus dedos já estão mutilados – possa burilar uma flor. E assim esse anão estropeado se

torna um criador de beleza e – ironia do destino! – é tão feio que o escravo que tem de segurá-lo quer matar-se por suas próprias mãos, tal o asco que o mísero escultor lhe inspira. No entanto, esse fenômeno de fealdade cria coisas mais belas e mais duradouras que os seus rivais e os invejosos. Um aleijadinho ergue seus olhos remelosos e suas mãos em decomposição até a altura de profetas, de santos e do próprio Salvador, e lhes dá feições mais puras do que qualquer pessoa ia do seu tempo.

Não era só a compaixão, era também uma clara compreensão do interesse próprio o que movia seus empregadores eclesiásticos a utilizarem seus serviços de morfético, não obstante as complicadas cerimônias de que ele cercava o seu trabalho. Ao ir para o trabalho e ao voltar dele o artista tem de ser carregado; onde ele exerce sua atividade é preciso armar em torno de sua pessoa uma tenda de pano preto, porque ele já não suporta nenhum espectador, de medo que venham a descobrir sua doença e o enxotem da igreja por impuro. A verdade é que naquelas precauções havia também inveja e ódio aosãos.

É de se supor que, entre os 80 sacerdotes que por aquela época exerciam seu ministério em Ouro Preto, vários deles tivessem percebido a moléstia do Aleijadinho. Naquele tempo a Igreja andava mais familiarizada com o mal de São Lázaro do que os leigos e mesmo do que os médicos. Mas era também mais compassiva do que os médicos e os leigos. De acordo com certas lendas, beijar um lázaro era o meio mais seguro de alcançar a eterna bem-aventurança.

Basílio, bispo de Cesareia, ofereceu aos leprosos seus haveres e sua vida. Fundou para eles uma cidade, lavava-lhes as úlceras, preparava-lhes remédios, sem se importar com o contágio nem com as intrigas nem com as queixas de uma invejosa camarilha episcopal.

No século VI Santa Radegunda lavou e beijou leprosos. São Luiz dava-lhes de comer e beijava-lhes as mãos e os pés chagados. São Francisco de Assis beijou um leproso que posteriormente a lenda converteu em Cristo. Santo Inácio de Loiola dormiu com morféticos na mesma cama.

Enquanto no século XIV a desumanidade das autoridades seculares chegava ao ponto de queimar vivos os leprosos, consagrou-lhes a Igreja uma caridade efetiva desde os albores do cristianismo até os nossos dias, nos quais há religiosas enfermeiras de leprosários e existem sempre sacerdotes que seguem o nobre exemplo deixado pelo P. Damião.

Também na biografia que o Aleijadinho escreveu o P. Pires pode-se ver como a ação caridosa da Igreja foi útil ao artista. Conquanto a sólida grandeza do biografado dispense retoques, nota-se, não sem emoção, o constante esforço que o sacerdote biógrafo despense para mostrar-se agradável ao morfético. Bretas, historiador mais arguto e minucioso, à bondade e erudita aplicação do padre contrapõe a evidência e nada mais. Eis como ele descreve com algumas penas o vestuário do Aleijadinho: “Trajava sobrecasaca de pano grosso azul, que lhe descia até abaixo dos joelhos (naturalmente para ocultar as tábuas sobre as quais tinha de se arrastar); calça e colete de qualquer fazenda, calçava sapatos pretos e trazia, quando a cavalo, um capote também de pano preto, de mangas, gola em pé e cabeção e um chapéu de lã parda, cujas largas abas estavam prêsor à capa por dois colchetes.

Pelo que ouvimos contar da educação daquele tempo, pode-se ter como bem provável que as pessoas rudes faziam escárnio de tão grotesco disfarce. Mais que o da petuléia, porém, havia de doer-lhe o asco daqueles que antes o haviam amado. Como se sabe, é instintivo e incoercível o horror que a lepra inspira. Quem já teve ocasião de fugir espavorido à vista de um morfético que mendiga, sabe como é dificultoso reprimir esse movimento de repugnância. Não foi preciso saber de que doença sofria o infeliz: bastou a mera suspeita subconsciente para justificar o horror e o recuo.

Triste destino esse que põe em fuga até o amigo e dá calafrios à amada! A muitos outros ele teria quebrantado. A tentação estava ali ao pé: primeiro o trago, depois a embriaguez e por fim os entorpecentes. O Aleijadinho resistiu. Havia um amigo que não o repeliu – a sua igreja; uma amante que não deixou de abraçá-lo – a sua arte. E quão soberbamente soube ele corresponder a ambos! Com que riqueza de florões e arabescos, de santos e profetas não adornou a igreja! E à custa de que dores e humilhações se conservou fiel à sua arte, ainda quando, com o escopro amarrado ao pulso, era obrigado a arrastar-se de gatas até ela! Sua arte lhe deu forças para suportar uma longa vida de enfermo e de pária, amargurado, mas não envilecido, estropeado de corpo, mas de coração escorreito.

Conta-se que certa vez foi chamado ao palácio para receber do governador uma encomenda. Era um desses casos excepcionais em que lhe era inevitável aparecer em público. Ao entrar no paço, não pôde o coronel Romão, ajudante-de-ordens, esconder seu espanto e, recuando, deixou escapar um “Meu Deus, que criatura horrenda!” O Aleijadinho voltou-se na soleira da porta. “Espera,” rosnou ele, “que tu também ficarás horrendo!” E reproduziu num Judas, em que justamente estava trabalhando, as feições do coronel.

[...]

FONTE:

Katz, Richard - *Seltsame Fahrten in Brasilien*. Erlenbach-Zürich, Eugen Rentsch Verlag, 1947, p. 139-147.

Esta tradução de trechos do subcapítulo „Auf Umwegen zum Krüppelchen“ da obra supra citada foi publicada na Revista *Província de São Pedro* (Porto Alegre), ano 4, nº 11, junho 1948, p. 82-86.

O tradutor não foi identificado. Quem puder ajudar, entre em contato com Marlen Eckl.

Der Übersetzer wurde nicht identifiziert. Die betroffenen Personen mögen sich bitte an die Mitarbeiterin des Projektes Marlen Eckl wenden.